



Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Campus do Pantanal – CPAN
Curso de Pedagogia

Acadêmica: Alessandra de Oliveira dos Santos
Professor Orientador: Alexandre Cougo Cougo

**A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E
A IMPORTÂNCIA DO OLHAR AFETIVO DO PROFESSOR**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
A INFLUÊNCIA DOS CONFLITOS FAMILIARES NA APRENDIZAGEM	3
A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM.....	9
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)	14
A BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

A Influência da Família no Processo de Aprendizagem e a Importância do Olhar Afetivo do Professor

RESUMO: O presente trabalho vem apresentar um memorial da minha trajetória de formação, desde a alfabetização até a vivência acadêmica. Desta forma, trago reflexões a respeito dos problemas familiares, seus efeitos e influências em nossa aprendizagem e saúde emocional, e o quanto uma criança que vive esses problemas observa o que está ao seu redor, trazendo mudanças em seu comportamento. Sendo ela quieta em excesso ou agressiva de maneira demasiada, reflito sobre a minha caminhada, sobre a importância do papel do professor para a construção de um olhar afetivo e como uma formação pedagógica influencia sobremaneira no relacionamento professor-aluno.

Palavras-Chave: memorial; afetividade; esquizofrenia; família; e aprendizagem.

SUMMARY: This work presents a memorial of my educational trajectory, from literacy to academic experience. In this way, I bring reflections on family problems, their effects and influences on our learning and emotional health, and how much a child who experiences these problems observes what is around them, bringing about changes in their behavior. Whether she is too quiet or too aggressive, I reflect on my journey, on the importance of the teacher's role in building an affective perspective and how pedagogical training greatly influences the teacher-student relationship.

Keywords: memorial; affectivity; schizophrenia; family; and learning

INTRODUÇÃO

Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda.
(FREIRE, 2000, p. 67)

É crucial refletir sobre a educação com base em Freire, na aquisição de novos conhecimentos e em seu processo de aprendizagem. Talvez a inquirição não mude o cidadão economicamente ou dê status em uma sociedade, mas é capaz de mudar a forma como pensamos, fazendo-nos refletir melhor.

Meu nome é Alessandra de Oliveira dos Santos, tenho 44 anos e sou natural da cidade do Rio de Janeiro/RJ. A partir deste memorial venho mostrar a minha trajetória de vida escolar e profissional e o quanto foi difícil chegar até aqui vivendo em um contexto familiar complexo, com uma mãe que sofre de esquizofrenia, mas que a partir de um período de convívio com uma professora muito especial consegui progredir, sentindo-me importante e com o despertar do desejo de ser professora.

.....

Quem nunca ouviu falar que criança não tem problemas? Ou que criança não está atenta ao meio em que vive, às coisas que se passam a sua volta? Ou é imparcial com as brigas familiares por ser tão pequena?

A criança pode sim absorver os problemas que se passam em sua casa, afetando os seus diferentes desenvolvimentos e inclusive o seu processo de aprendizagem. Por muito tempo esse era o conceito dos adultos em relação às crianças; elas eram pouco ouvidas e sem credibilidade com seus sentimentos. De acordo com Ariès (1986) a concepção de infância não existia e por volta do (incluir século) XII, as crianças eram consideradas miniadultos.

O exemplo dado por J. L. Flandrin é bom: se a arte medieval representava a criança como um homem em escala reduzida, "isso se prendia, diz ele, não à existência, mas à natureza do sentimento da infância". A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais. Seria então interessante comparar a criança ao anão, que ocupa um lugar importante na tipologia medieval (ARIÈS, 1986, p.14).

Talvez, em algum momento da sua infância você tenha ouvido a frase "engole o choro", principalmente os meninos, porque, afinal, a ideia de que menino

não chora se impôs muito fortemente em uma sociedade machista, fazendo com que por muito tempo fosse usada essa frase.

Em um exercício cognitivo, ao mesmo tempo emocional, físico e intelectual, busco expor e transformar, em erros e acertos, as masculinidades patriarcais que me constituem. Posso afirmar que toda a minha formação como cidadão foi e ainda é construída em ambientes de cultura do homem viril, em uma de suas fortes assunções: o macho que não pode chorar, porque é coisa de “mulherzinha” (BARBOSA, 2021, p. 11).

Quando falamos de crianças e sentimentos isso vai além da questão de gênero e idade. Já ouvi até mesmo professores falarem para alunos não chorarem porque são meninos ou não dão muita atenção as suas queixas. E infelizmente em muitas famílias também existe esse preconceito com meninos impedindo de expor seus sentimentos.

“Menino não pode chorar”, “aaah que feio, menino não chora...” Sim, essas frases são ditas para garotos desde a infância, logo após a fase em que chorar deixa de ser um mecanismo de sobrevivência. Bebês choram para demonstrar fome, sono, irritação, quando querem trocar a fralda ou em caso de alguma outra necessidade fisiológica e emocional. Mas, por que depois que aprendem a falar, meninos são desencorajados a demonstrarem algo que “veio de fábrica” como um mecanismo natural do ser humano? (NAZARÉ, 2021, p. 1).

Como Pedagogos e professores devemos quebrar esse tabu nas escolas, pois sentimentos independem de gênero, meninos também têm sentimentos como qualquer outro ser humano, o choro na minha concepção é o alívio da alma.

A INFLUÊNCIA DOS CONFLITOS FAMILIARES NA APRENDIZAGEM

A minha infância foi marcada por muitos conflitos familiares, brigas e dificuldades financeiras. A maior parte dos desentendimentos era devido aos surtos psicóticos que minha mãe sofria. Na época não sabíamos o que de fato ela tinha, e somente fui me dar conta que a minha mãe era diferente aos 6 anos de idade, quando iniciava a fase da alfabetização na escola, em 1986. Foi neste período que ela começou a manifestar a esquizofrenia, porém, nós não tínhamos diagnóstico e muito menos compreendíamos o que de fato se tratava.

A esquizofrenia é caracterizada pela dissociação entre o que é real e o que é imaginário por parte do indivíduo. O portador dessa doença tem alucinações, que constituem alterações da percepção, como “ouvir vozes” e ter visões e sensações não compartilhadas por outras pessoas, mas que para o paciente parecem reais. Pessoas com esquizofrenia geralmente são

diagnosticadas entre as idades de 16 e 30 anos, após o primeiro episódio de psicose. Pesquisas mostram que mudanças graduais no pensamento, humor e funcionamento social muitas vezes aparecem antes do primeiro episódio de psicose (Hospital Israelita Albert Einstein, 2023)¹.

Nesse dado momento ela falava sozinha, brigava com pessoas sem a presença delas, batia com panelas enquanto fazia comida e queria ir para a rua ficar nua. Como sou a caçula de uma família com mais três irmãs, com uma diferença de idade de 8, 7 e 6 anos delas, era eu que ficava a maior parte do tempo com minha mãe, procurando não a deixar se despir no portão de nossa casa, de frente para rua. Eu sempre pedia para que ela entrasse, puxando-a pela sua mão. Eu ficava nervosa e com muito medo dessa situação, pois ela demonstrava agressividade e manias de perseguição.

No período da minha alfabetização não pude contar com a ajuda da minha mãe devido as suas condições mentais. Mesmo assim, recordo-me da cartilha Caminho Suave que era utilizada na época, e minha mãe lia uma das histórias para mim. Lembro-me que no texto mencionava a praia de Copacabana, momento raro dela no meu contexto escolar. O meu pai trabalhava o dia inteiro, só chegava à noite e não tinha condições de me explicar ou ensinar o alfabeto, pois se sentia muito cansado, afinal, tinha quatro filhas menores e uma esposa para sustentar. Em virtude das nossas condições financeiras não serem muito boas, eu não tinha acesso a livros de histórias, entretanto, meu pai nunca deixou de comprar nosso material escolar. O meu acesso à leitura era somente o livro didático e a Bíblia que tínhamos.

Passei pela Classe de Alfabetização, o antigo CA, assim chamado nos anos 1980 e 1990 (atual primeiro ano) sem saber ler, mas como não reprovava eu automaticamente progredi para a próxima série. Acredito que a família e a escola devem sempre andar juntas, mas como proceder quando o aluno não pode contar com seus pais ou responsáveis? É notório que a aprendizagem da criança, de maneira alguma, estará centralizada somente em seu intelecto, mas todos tem um papel nas mediações e contribuições para o seu desenvolvimento motor, psicológico, social e cognitivo. Cada um em diferentes funções, algumas pré-determinadas. Temos a organização da família, não digo necessariamente mãe e pai, pois temos profusos modelos familiares, e há importantes objetivos escolares que advém da organização desta instituição, interrelacionados para que haja uma

¹ Disponível no Blog do Hospital Israelita Albert Einstein “Vida Saudável”: <<https://vidasaudavel.einstein.br/o-que-e-a-esquizofrenia-doenca-mental-tem-tratamentos-eficazes/>>

boa relação e boas estratégias. Mas como aplicar esta tática em diálogo com um contexto familiar como o que eu estava inserida? Como poderia contar com a ajuda dos meus pais?

Por muito tempo ouvia dos professores para pedir à mamãe ajuda nas tarefas escolares. Quando ouvia essa frase, eu sempre ficava triste, pois sabia que não teria como contar com essa possibilidade. Anos depois e cursando já o Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal - UFMS/CPAN, em uma turma de quinto ano, ouvi a mesma frase vindo da professora. Nossa! Logo voltei ao meu passado e durante a aula dessa professora fiquei refletindo sobre nossas práticas, olhando para o rosto de cada aluno e pensando: será que essa criança tem mãe, pai ou algum responsável para ajudar? Ou caso tenha, essa pessoa teria condições de ensinar a atividade? Percebi no exato momento que tantos anos se passaram, mas que algumas práticas ainda são as mesmas. No meu contexto, os meus pais são alfabetizados, e teriam condições de explicar algumas atividades, porém a saúde mental da minha mãe, a falta de tempo e cansaço do meu pai não possibilitavam essa ajuda com as atividades.

É difícil falarmos da nossa mãe, de fato é difícil olharmos para nós mesmos e percebermos as nossas feridas e tentar curá-las ao ouvi-las, mas essa também é uma ação importante. Quando criança eu sofria muito emocionalmente e vivia em um nível de estresse muito grande, sobretudo quando minha mãe surtava dentro de casa e batia com panelas, brigava com os vizinhos sem ao menos eles fazerem algo, porque uns dos sintomas da esquizofrenia é a mania de perseguição. Eu sentia muito medo dela agredir alguém e por ficar na maioria das vezes sozinha em casa com ela, sentia-me responsável em não a deixar fazer algo que iria prejudicar a nossa família. Quantas crianças passam por situações emocionais parecidas, talvez com um pai alcoólatra, violento, ou uma mãe usuária de drogas ou mesmo por negligência?

Negligência, violência física, sexual e emocional são formas de violações de direitos às quais crianças e adolescentes são constantemente submetidos. “Nós podemos reunir essas quatro dimensões na definição de maus-tratos – práticas de cuidado consideradas impróprias pela cultura, sempre dentro de determinado período histórico e de determinada sociedade”, explica Niva Campos, psicóloga e supervisora da Seção de Atendimento à Situação de Risco da Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal (SEASI R/VIJ-DF). (DIAS, 2021, p. 2)

Diante disso é muito importante a escola estar atenta à criança, pois às vezes, o único adulto de confiança é a professora ou o professor e acredito ser importante atendimentos de uma equipe multidisciplinar nos estabelecimentos de ensino que funcionem regularmente. Muitas crianças podem mudar de comportamento, algumas demonstram agressividade, tristeza profunda ou ficam quietas demais ou demonstram muita inquietude dificultando a sua aprendizagem. Sobre isso, infelizmente já ouvi de muitos professores “ser apenas preguiça da criança”, sem ao menos procurar saber o que está por trás dessas dificuldades e comportamentos do aluno. Acredito não ser fácil para o professor analisar os alunos desta forma, sei que muitos também se sentem cansados, estressados com tantas demandas, por isso é importante envolver tanto a família e a equipe multidisciplinar para ajudar nesse processo.

Em 1988 iniciei a primeira série (2º ano hoje) sem saber ler e escrever, mas copiava as atividades do quadro. Foi um ano tranquilo, apesar das dificuldades que eu passei em aprender. Gostava da minha turma e da professora, tinha amigos, e passei o ano letivo ainda envolvida no processo da alfabetização.

Em 1989 iniciei a segunda série (3º ano hoje) com a mesma turma anterior, o que me trazia tranquilidade, pois já tinha os meus amigos e me sentia familiarizada. Ao início do ano letivo, como minhas irmãs estudavam na mesma escola e sendo elas já mais velhas e já praticamente terminando as suas etapas nessa escola, eram elas que me levavam para casa. Como estudavam pela manhã, decidiram mudar o meu horário, pois achavam melhor eu estudar pela manhã também, sendo que essa não era a minha vontade. Infelizmente, por conveniência delas, convenceram minha mãe a fazer a transferência de horário. E assim foi feito, mesmo contra a minha vontade.

Acredito que mudanças são sempre um desafio. Não importa quais sejam. Pode ser uma simples comutação de horário e turma, mas quaisquer transformações nos deixam apreensivos por não sabermos exatamente o que acontecerá dali em diante. E como foi difícil para mim! Acredito ter sido um dos piores anos da minha vida escolar. A turma era agitada, sofri bullying, apanhei, bati, fui parar na secretaria porque bati em uma colega de sala e eu só chorava quando uma das minhas irmãs ia na secretaria ver o que havia acontecido. Eu não conseguia nem explicar, chorava de soluçar, mas como diz um dito popular: “a corda sempre arrebenta pelo lado mais fraco”, e eu é que saí mal na história. E o pior de tudo é que já tinha a consciência que não poderia contar para minha mãe. “Morria” de medo, pois corria o risco de apanhar na escola e em casa. Lembro-me só da minha irmã ser chamada na

secretaria para me buscar. Entendo o meu comportamento. Eu brigava como uma forma de defesa.

Passei a frequentar a escola com medo, insegura e com vergonha por não assimilar os conteúdos. Foi um ano muito difícil, tinha dificuldade de acordar cedo, não me identificava com a turma e nem com a professora, faltava muito às aulas, vivia inventando dor de barriga. Neste ano fiquei reprovada por faltas e por notas.

No ano seguinte, havia colocado na minha cabeça, mesmo sendo criança, que não seria mais reprovada e tentaria de tudo para aprender a ler e escrever. Voltei para o período vespertino, mas dessa vez em uma nova turma. Outra mudança, mas acreditava que seria diferente. Foi, de fato, um ano mais tranquilo, pelo menos na escola, porque em casa não havia paz com a minha mãe cada dia com mais surtos.

Ingressei na 3ª série (4º ano) dando os primeiros passos na leitura. Um ano que marcaria a minha história com positividade por conhecer uma professora que me olharia de maneira diferente, que perceberia o meu olhar triste, quieto e muitas vezes reclusa, e fazendo com isso uma grande diferença em minha vida. Uma professora que me escutou, me enxergou, e a quem nunca mais esqueci o nome: a professora Sônia. Se você me perguntar o nome das outras professoras não irei recordar, mas ela sim.

A professora passou a me chamar para ajudar em sala, distribuindo as folhas com as atividades e até mesmo me ensinou a rodar os papeis no mimeógrafo. Ela só posicionava a folha, chamada matriz, no rolo do mimeógrafo, pois dizia ser perigoso os alunos colocarem, uma vez que poderiam prender o dedo no ferro que segurava a matriz. Era tão prazeroso voltear a fivela do equipamento exalando cheirinho de álcool. Era prazeroso também me sentir presente e feliz naquele espaço.

Sônia, lecionava em duas turmas, uma pela manhã (turma de alfabetização) e outra à tarde, uma 3ª série (4º ano), turma em que eu estava inserida. A professora decidiu realizar um projeto para ajudá-la com a turma de alfabetização e que iria sortear uma dupla que gostaria de ir para a escola no contraturno. Claro, com o bilhete assinado pelo responsável, disponibilizando o aluno uma vez na semana. Com esse projeto iríamos ajudar outras crianças com as atividades em sala na distribuição de atividades e para rodar folhas no mimeógrafo. A primeira dupla foi sorteada, sendo que no dia marcado não compareceram. Na outra semana realizou novamente o sorteio, e assim sucessivamente, até finalmente a minha dupla ser sorteada. Fomos no contraturno, mesmo eu tendo dificuldades em acordar cedo. Fui

muito feliz, sentindo-me especial em poder ajudar e, principalmente, em auxiliar outras crianças com as tarefas, mesmo eu também enfrentando dificuldades na leitura e escrita. Foi o período que eu mais cresci como estudante, pois quando ensinamos também aprendemos.

A professora gostou tanto da nossa ajuda que passou a nos convidar praticamente toda semana para cooperar em seu projeto e, na minha percepção, deu muito certo. Aprendi a ler perfeitamente, melhorei bastante na escrita, a minha autoestima melhorou muito e me senti útil e importante. Nesse ano letivo já havia conquistado mais autonomia, já ia e voltava sozinha da casa para a escola e vice e versa. Penso que a atitude da professora em observar um pouco mais seus alunos e vê-los com outro olhar, um olhar mais afetivo, amoroso e integral foi decisivo para essa mudança em minha vivência escolar e para o meu desenvolvimento enquanto estudante. A atitude da professora em me perceber tão quieta e tácita e tomar uma atitude tão simples de poder ajudar na realização do seu projeto, permitiu-me sair do foco dos conflitos internos e familiares e despertou em mim a vontade de ser professora.

De acordo com a definição do dicionário Aurélio na versão online, o conceito de afetividade (1994) está definido como: “Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza”. O meio que vivemos pode influenciar muito nas nossas emoções tanto de maneira positiva ou negativa e com isso trazer alguns transtornos da aprendizagem. O professor pode influenciar nesse processo. A criança aprende mais quando gosta e se sente segura na aula do professor ou se sentir insegura e amedrontada quando percebe que o docente a trata sem afeto. Segundo Libâneo, “o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos” (1994, p. 251).

O estudante ou a criança não é um papel em branco, ele chega na sala de aula com experiências múltiplas e mesmo pode ser marcado com/por situações negativas, como até o ponto de sofrer maus tratos em sua própria casa e tendo como abrigo a escola e seus professores. A interação com eles pode ser o alicerce ou o meio mais seguro que o aluno poderia ter no seu desenvolvimento cognitivo. Segundo Libâneo:

“[...] o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho

docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão agindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos” (LIBÂNEO, 1994, p.250).

Nesse sentido Libâneo está se referindo à ideia de que o trabalho do professor não deve ser apenas transmitir conhecimento de forma unidirecional, ou seja, apenas do professor para o aluno. Em vez disso, ele destaca a importância da interação e da troca de experiências entre professor e aluno, promovendo uma aprendizagem mais significativa e colaborativa. Isso significa que o professor deve estimular a participação ativa dos alunos, ouvir suas opiniões e sugestões, e adaptar suas estratégias de ensino às necessidades e interesses individuais de cada aluno. Essa abordagem mais dinâmica e interativa contribui para um ambiente de aprendizagem mais estimulante e engajador.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

Conforme elucidado por Lima et al. (2018), a afetividade é definida como a capacidade de expressar e perceber emoções profundas que promovem conexões genuínas entre indivíduos. Já a amorosidade, envolve um cuidado constante, marcado pelo respeito e pela valorização do outro em sua singularidade. Essas qualidades são fundamentais na relação professor-aluno, especialmente quando este último enfrenta adversidades no ambiente familiar. Quando o professor adota uma postura amorosa e afetiva, ele contribui para a criação de um clima escolar positivo, que favorece não apenas a aprendizagem, mas também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais que são cruciais para a vida do aluno.

Em 1996, ao terminar todo o Ensino fundamental, decidi realizar os meus objetivos e cumprir com os planos que havia pensado quando estava na 3ª série. Realizei uma prova para ingressar na formação de professores a Nível Médio, o chamado Curso Normal, que formava Normalistas, como identificado na época. Era necessário fazer uma prova para conquistar a vaga e confesso que senti medo de não ser aprovada, pois não havia pensado em fazer outra coisa. E finalmente, ao ver o resultado, fiquei muito satisfeita e feliz em saber que havia sido aprovada no Colégio Estadual Heitor Lira, situado no Rio de Janeiro, onde me matriculei em janeiro de 1997. O meu pai foi comigo realizar a matrícula e se sentiu muito orgulhoso por ter a primeira pessoa na família se formando em professora.



Em meu último ano (1999) fiz estágio obrigatório e estágio remunerado. No estágio remunerado auxiliei uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e confesso que me senti perdida, pois nunca havia ouvido a respeito do transtorno e com muita dificuldade ajudava à professora, na medida do possível. A partir dessa experiência procurei ler e estudar a respeito, mas na época não havia muitas informações e o acesso às pesquisas eram muito mais difíceis. Dessa forma conclui o Ensino Médio em 1999.



Após a conclusão do Ensino Médio decidi fazer o curso de Letras, inspirada por uma professora de Língua Portuguesa que tive durante a formação, uma ótima profissional que me fez amar a matéria e me apaixonar por Literatura, com os poemas que apresentava em sala. É notório a importância do papel do professor na vida de um aluno, o quanto ele pode influenciar de forma positiva ou negativa, inclusive em suas futuras escolhas.

Retornei os estudos somente em 2001 em uma faculdade particular na cidade do Rio de Janeiro para cursar Letras (Português/Literatura). Confesso que senti medo de não conseguir ir adiante, pois ainda pairavam alguns traumas em relação a minha aprendizagem. Eu me questionava se conseguiria fazer um curso tão difícil, logo eu que havia demorado a ler. Passavam muitas coisas na cabeça, muitas imagens do passado, mas fui com toda coragem que me restava. Realizei o curso com muita dificuldade, pois não conseguia dedicar-me como deveria e sim, fiquei reprovada em cinco matérias no decorrer do curso. Pensei várias vezes em desistir, no fundo eu ainda não me sentia tão capaz, mas prossegui seguir com os meus objetivos.

No ano de 2002, praticamente recém-formada no Ensino Médio Normal com formação de professores e cursando o primeiro ano da faculdade de Letras, consegui o meu primeiro emprego com carteira assinada como professora. Quando somos recém-formados ficamos ansiosos por um emprego e acabamos aceitando a primeira oportunidade. Lecionei em uma escola distante de minha casa em um bairro na Cidade do Rio de Janeiro, precisava pegar dois ônibus para chegar ao local de trabalho. Fiz parte do quadro de professores nesta escola no período de 2002 a 2006 com o meu pedido de demissão, pois já estava no limite em aceitar certas coisas que para mim são erradas, pois todo trabalhador é digno de seu salário. Descobri em junho de 2006, após o nascimento da minha primogênita, que a empresa não estava depositando o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e muito menos o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) e descobri, pois a direção me avisou que eu deveria buscar o dinheiro da minha licença maternidade diretamente com eles na escola. Na época achei estranho não receber diretamente pelo INSS e fui investigar junto ao Sindicato dos professores o que de fato estava acontecendo, e se era certo receber pela empresa. Isso sem falar no meu resguardo com uma bebê recém-nascida e tendo que pegar dois ônibus para receber o salário, pois a direção não queria fazer depósito bancário, me deixando muito descontente, desvalorizada e desmotivada.



Pensei e penso o quanto faltou empatia deixar uma mãe nessa situação e em outubro do mesmo ano do nascimento da minha filha pedi dispensa da empresa, mas esperei dezembro para não deixar a turma antes do ano letivo acabar. Essa experiência criou em mim uma grande decepção em ser professora pela falta de valorização da profissão.

Formei-me em agosto de 2005 em Letras, e em minha colação de grau não tive a presença da minha mãe. É uma sensação ruim, mas, tinha a consciência de sua doença. Fiquei triste, pois qual mãe não gostaria de ver seus filhos formados? Nesta época ainda não tínhamos diagnóstico do que de fato ela sofria. Sou a única da família formada em nível superior e sinto orgulho da caminhada e conquista. De fato, não por ser a única formada, porque gostaria muito que minhas irmãs também tivessem a mesma oportunidade, mas por todo processo de vivência familiar e escolar, em razão de quem viu aquela criança que demorou a ler e escrever superando todas as dificuldades no futuro.

Após a formação não lecionei na área de Letras, porém já trabalhava na escola particular com uma turma de Educação Infantil, conforme mencionado acima. Em 2007 me mudei para o interior do Rio de Janeiro com meu esposo e filha, com uma distância de duas horas da casa dos meus pais, sem conhecer ninguém e sem suporte e apoio. Dedicava o meu tempo à família. Engravidei do meu segundo filho em 2010 e mais uma vez decidi cuidar somente dos meus filhos. No máximo fazia alguns cursos. Decidi ser mãe integralmente, ao menos enquanto estes eram pequenos.

Em 2017 meu marido foi transferido para o Comando do 6º Distrito Naval, na cidade de Ladário, estado de Mato Grosso do Sul. E como já havia dito, mudanças trazem medo e insegurança. Viemos para uma cidade nova e desconhecida por nossa família, mas nos adaptamos, conhecemos novos lugares e pessoas, um lugar

riquíssimo em cultura e biodiversidade. Aprendi muitas coisas no e sobre o Pantanal. Novos sabores, novas paisagens e tive muitas oportunidades, como por exemplo, tirar a carteira de habilitação. No ano de 2020 entramos em uma pandemia mundial, um vírus desconhecido e muito forte, denominado SARS-CoV-2, o novo coronavírus, que causa uma doença chamada COVID-19, podendo levar à morte, como aconteceu com milhares de pessoas no Brasil e milhões de pessoas no mundo.

Nesse período fiquei nitidamente apavorada e muito preocupada com meus filhos e meus parentes. As crianças ficaram sem poder ir à escola, assistiam aula de maneira remota, isso porque estudavam em escola particular e tinham acesso à internet. Ficava pensando nos alunos em suas casas sem acesso à internet, e até mesmo sem a alimentação que a escola oferecia. Durante a pandemia houve muitos casos de abusos infantis, tendo em vista que a escola também acaba exercendo um papel de refúgio de muitas crianças para fugirem da realidade, do meio em que estão inseridas. Nesse mesmo ano houve uma queimada muito grande no Pantanal Sul-mato-grossense, atingindo diretamente as cidades de Corumbá e Ladário. Neste momento eu mergulhava em um conflito muito grande, dava-me vontade de ir embora tamanha a quantidade de fumaça que invadia os nossos lares, fora que não podíamos sair de casa por causa da quarentena.

Neste contexto, e como uma possível saída, decidi voltar a estudar. Sentia a necessidade de me atualizar. Decidi fazer a inscrição para ingressar na UFMS como aluna que já possuía diploma, o que até então eu não sabia dessa possibilidade, desse tipo de ingresso. Fui informada por uma amiga que estava se formando em Psicologia e logo que abriram as inscrições, aligeirei-me em fazer e foi assim que consegui a vaga. Um sonho realizado, pois afinal, estava entrando em uma Universidade Federal e foi um turbilhão de emoções. Me senti muito feliz.

Iniciamos o ano de 2021, ainda no período da pandemia com as aulas da Universidade do primeiro e segundo semestres letivos sendo realizadas de forma remota. E foi nesse novo movimento de formação, nessa nova investida que realizava, durante a minha graduação em Pedagogia que aprendi a olhar um estudante na sua integridade, com afetividade e amorosidade, fazendo-me refletir sobre as práticas em sala de aula e o quanto uma escola pode ser excludente ou inclusiva, onde tudo dependerá do olhar da equipe pedagógica. Cada criança tem sua bagagem cultural, social e familiar. Ninguém tem a mesma história ou o mesmo nível de aprendizagem.

Diante disso fiz a correlação do que passei no Ensino Fundamental com a professora Sônia, do olhar sensível e a importância de criar uma equipe

multidisciplinar nas escolas para auxiliar o professor com os alunos que passam por dificuldades com suas famílias, acolhendo esse aluno, para melhorar a sua qualidade no processo de aprendizagem, bem como na experiência de escola e de vida.

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

Em segunda análise não poderia deixar de expressar o meu orgulho em cursar o curso de Pedagogia na UFMS e de me proporcionar à oportunidade de ingressar no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Confesso minha desinformação a respeito do Programa, mas tive a oportunidade em conhecer a partir do momento em que a professora Patrícia nos explicou a respeito e sobre a abertura de vagas ao Programa. Logo me animei em fazer a inscrição e fiquei muito feliz em ser selecionada de acordo com os critérios estabelecidos no edital. Ingressei no PIBID em 23 de novembro de 2022, com a turma do 2º ano A. Mesmo ficando por apenas algumas semanas com essa turma percebemos algumas dificuldades de aprendizagem em alguns alunos, sem falar na sala de aula, que possui uma coluna que dificultava a visão do quadro por parte de alguns estudantes. Fizemos com essa turma um projeto de recreação, onde cada dupla do PIBID realizava um tipo de dinâmica com os alunos. Em dezembro realizamos a festa de Natal com as crianças com lanche coletivo e lembrancinhas.

Em fevereiro de 2023 iniciamos o ano letivo com a turma de 3º ano C. Uma turma de 27 alunos, sendo três alunos com deficiência, onde realizamos projetos de alfabetização, pois alguns ainda não reconheciam letras, uma vez que foi feito no início do ano letivo uma avaliação diagnóstica. Realizamos um projeto para a produção de jogos pedagógicos para auxiliar o aprendizado dos discentes. A professora Graça, que também era a nossa supervisora, sempre era muito carinhosa e atenciosa com a turma, procurando fazer a diferença na vida deles. Em fevereiro de 2024 ela ficou com o 2º ano C, turma de 26 alunos, sendo 1 com deficiência. A turma era bastante carinhosa e gostava muito de ouvir literaturas. Iniciamos o ano letivo com um projeto de leitura, onde cada dupla do PIBID ficou com uma literatura diferente para ler com as crianças.

Durante o PIBID, percebi o esforço de nossa supervisora Maria da Graça e da coordenadora Patrícia Tavano em trazer ideias e ótimos textos para nossas reuniões, tentando dar o melhor para a equipe e para os alunos da escola, mas infelizmente ainda estamos muito limitados, pois o sistema de ensino ainda é muito tradicional e por mais que levássemos algo inovador, voltávamos ao tradicional,

limitando na qualidade da educação oferecida, especialmente devido às condições precárias e desafios estruturais presentes no sistema educacional. Acredito que além dos jogos criados para facilitar a aprendizagem do aluno, faltaram atividades para torná-los sujeitos mais ativos e reflexivos. Também conseguia notar, durante as aulas, os constantes conflitos entre os alunos e a triste realidade da supervisora ter que parar a sua aula para tentar apaziguá-los e orientá-los.

Em suma, a importância do PIBID para vermos de perto a realidade de uma sala de aula e suas limitações e desafios, contribuiu diretamente com uma formação mais qualificada e crítica. Durante todo o período buscávamos pela inovação e melhoria em nossa formação. Sou grata ao Programa, à supervisora Graça e à Professora Patrícia por me proporcionar momentos de muita aprendizagem e principalmente pela paciência em lidar com erros e deslizes. Aprendemos não só a ser professores, mas também, a lidar com pessoas, o que não é algo tão simples, mas te traz experiências incríveis e únicas.

A BOA RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E ALUNOS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Cursar Pedagogia me fez ter novos olhares a respeito da Educação e a observar a criança e uma sala de aula de maneira heterogênea, pois cada aluno tem suas particularidades. Sou grata por cada professor que passou pela minha vida nos proporcionando grandes aprendizagens.

Uma boa relação entre professores e alunos contribui para um ambiente onde, mesmo diante de toda adversidade e dificuldades do cotidiano de cada um, os alunos possam aprender melhor. Quando essa interação é saudável e respeitosa, os estudantes ficam mais “abertos” aos conteúdos, participando efetivamente e entusiasmando-se com as construções de saberes e suas atividades formativas. Além disso, um professor comprometido e envolvido com o processo de aprendizagem dos alunos é capaz de despertar o interesse e o engajamento deles, tornando as aulas mais interessantes e produtivas independentemente se é da Educação Infantil ao ambiente acadêmico.

Fui convidada pelo Professor Alexandre para participar como uma das alunas organizadoras do Projeto “Cafés Pedagógicos”, que teve início em 4 de agosto de 2022, com uma reunião online para organizarmos o nosso primeiro evento de diálogos de escritas e formação de professores dividido em subtemas. O primeiro encontro foi realizado em 11/08/2022 no auditório da Unidade I, sala H 108, com o título “Roda do viver e fazer a gestão”. Foram convidados o Prof. Jorge Luís Mazzeo

Mariano, a Prof^ª. Jussara Santos de Arruda Peralta e a Prof^ª. Melina Carvalho de Souza Messias. Os presentes convidados dialogaram a respeito do trabalho do pedagogo na gestão escolar, apresentando os desafios e dificuldades como gestores.



Em 5 de setembro de 2022 realizamos o segundo encontro dialógico do projeto com o título “Roda de fazer pedagógico na educação infantil”, tendo como convidadas a Prof^ª. Aline de Novaes Conceição, a Prof^ª. Joyce Kelly Eleuterio Benites, a Prof^ª. Laura Caroline Azevedo Ribeiro, a Prof^ª. Mariana Gomes Duarte e a Prof^ª. Rosimara Silva Correia. O evento foi realizado na sala D1, unidade 1, do Campos Pantanal. As convidadas dialogaram sobre a educação infantil e a importância de trabalharmos diferentes materiais pedagógicos e a possibilidade de criações de jogos utilizando materiais recicláveis.

Nossa terceira roda de diálogos foi realizada no dia 13/10/2022, na sala D1, unidade I, do Campos Pantanal, com o título “Roda do aprender a docência desde a escola”. Tivemos como convidadas a Prof^ª. Edelir Salomão Garcia, a Prof^ª. Maria das Graças Silva Lopes e a Prof^ª. Patrícia Texeira Tavano. As convidadas dialogaram a respeito do ser docente e os desafios enfrentados em sala de aula.



O quarto encontro foi realizado no dia 4/11/2022, também na sala D1, Unidade I, do Campus Pantanal, com o título “Roda do aprender na caminhada profissional”, com a Profª. Alessandra Domingos de Souza, a Profª. Andréa Duarte de Oliveira, a Profª. Barbara Amaral Martins e com o Prof. Rennan Andrade dos Santos como convidados. Foi dialogado a respeito do início da carreira como docentes, das dificuldades de encontrar o apoio dos próprios colegas de trabalho e do quanto é importante manter-se atualizado na área da educação.



Realizamos nosso quinto e último encontro no dia 30/11/2022, na sala D1, Unidade I, do Campus Pantanal, com o título “Roda do ser pedagogo para além da escola”. Foram convidados a Profª. Ana Carolina Pontes Costa, a Profª. Analígia Miranda da Silva e a Profª. Jusley Monteiro de Souza. Dialogamos a respeito do Pedagogo realizar trabalhos em contextos não escolares, mostrando as suas diferenças.



No dia 20 de maio de 2023, demos continuidade ao Projeto “Cafés Pedagógicos” no primeiro semestre do ano, com os convidados: Flavia Martinez, Pedagoga e professora na UFMS; Jairton Moreira, Pedagogo e professor do campo e Pollyana Gemio, Pedagoga e professora na área de ressocialização de jovens. O evento foi realizado na sala D1, da UFMS, no Campus Pantanal, com o tema “Atuação profissional dos Pedagogos”. O fato de o evento ter sido realizado no dia dos Pedagogos tornou o momento muito mais especial. A roda de diálogos foi muito emocionante, principalmente na fala do professor Jairton Moreira que descreveu como foi sua vida no campo, sua luta com seus pais para terem um pouco de dignidade durante sua infância e o quanto foi difícil ter acesso à alfabetização, pois na época não havia escolas estabelecidas no campo e que, até os dias de hoje, as salas em algumas localidades ainda são multisseriadas. Comentou sobre uma professora especial que marcou muito a sua vida e o quanto ela foi importante na sua jornada escolar.



A professora Pollyana relatou um pouco de como funcionam as aulas com jovens em ressocialização, sobre as regras que precisam ser respeitadas desde o modo de se vestir, a bolsa que precisa ser transparente e alguns materiais que não podem ser utilizados, como objetos cortantes. Dialogou também a respeito do professor não ter vínculo de parentesco com nenhum dos internos e nem mesmo perguntar sobre o seu passado e o que ele fez para estar ali. A única coisa que o professor precisa fazer é dar a sua aula sem se envolver com os problemas deles.

Flávia Martinez sempre foi muito calma e amorosa conosco como professora na UFMS. Neste encontro dialogou a respeito dos elementos importantes para a

aprendizagem das crianças e a importância de ser um professor atento, que se importe com elas e, se necessário, ser um educador que trabalha de forma dinâmica, lúdica e demonstrativa, despertando a curiosidade delas.

Nosso segundo encontro se deu em 20 de junho, com o tema “Educação Antirracista”, na sala D1, Unidade I, com os seguintes convidados: Prof. Cryseverlin Dias Pinheiro Santos, do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Prof^a. Rosiane Ruth de Almeida Albuquerque, da Escola Municipal Izabel Correa de Oliveira e Prof^a. Tatiana da Silva Ramos Batista, do CEMEI Parteira Valódia Serra. Infelizmente não pude participar do evento por motivo de viagem, mas acredito ser um tema muito importante e pertinente para nós pedagogos falarmos. Esse tema deve ser sempre discutido nas Universidades. No mesmo ano participei como escritora do projeto “Cafés Pedagógicos” no evento do Integra.



Em 2024 continuamos com o Projeto e descobrimos que não mais seria apenas um projeto de ensino, mas sim de extensão, estreitando laços com as demais licenciaturas. No início desse ano tivemos uma tragédia no Sul do País e o professor Alexandre Cougo, junto com demais professores, decidiu aproveitar o evento para realizar a coleta de donativos, comida não perecível, água e roupas. O tema do projeto foi “Mudanças climáticas e a tragédia no Rio Grande do Sul”, realizado no dia 13 de maio, no Anfiteatro Salomão Baruki CPAN/UFMS. O evento contou com mais de 150 inscritos. Foi um movimento lindo, onde mobilizamos vários cursos e arrecadamos donativos para serem levados ao Rio Grande do Sul.



Em 22 de agosto, no Anfiteatro Salomão Baruki CPAN/UFMS, realizamos o “Cafés Pedagógicos” com o tema “Educação antirracista: da Educação Básica à Universidade”. Ajudei na recepção com as inscrições. Senti-me muito feliz com o evento e a exposição de livros, principalmente os infantis, que falam da diversidade, percepção identitária e respeito ao próximo.



Ser convidada pelo professor Alexandre para participar do projeto como cooperadora me deixou muito feliz, pois foi a primeira vez que estava participando de um projeto como aluna organizadora. Fiquei lisonjeada com o convite, proporcionando crescimento como acadêmica e futura Pedagoga! Sou grata por tanto aprendizado.

Retrocedendo um pouco para contar de outra experiência, em outubro de 2022 o professor Alexandre Cougo criou o Projeto de Extensão Cartas Pantaneiras, que envolveu inicialmente dois encontros presenciais, sendo manhã e tarde, em uma segunda feira e outro na sexta feira, na Unidade III da UFMS, localizado no Porto de Corumbá e outros encontros à distância. Os participantes do projeto eram professores atuantes de escolas públicas que lecionam na educação do campo, nas regiões das águas e da terra, além de outros colegas da minha sala, que se interessaram em participar como estudantes extensionistas. O encontro foi um

convite explicativo a respeito de escritas de cartas, foi realizado uma dinâmica e, claro! Tivemos nosso delicioso café, que não poderia faltar.



Após os encontros do mês de outubro, fomos convidados a participar das escritas das cartas junto aos professores participantes do projeto que atuam na rede pública até o dia 19 de novembro. Eu também escrevi a minha carta. Ao final da escrita, apresentaríamos, no mês dezembro, de forma presencial, na Unidade III da UFMS. O professor Alexandre, dividiu a turma em pequenos grupos e convidou alguns estudantes para serem mediadores dos grupos. Aceitei ser um deles, e ali, cada um compartilhou sua história de vida docente. E nós, acadêmicos, a nossa trajetória e escolha pela Pedagogia.

O projeto Cartas Pantaneiras posso dizer que foi o meu xodó, pois sou de uma época que escrevíamos cartas para nos comunicarmos. Participar dessa proposta me proporcionou voltar ao passado, o que atualmente, com o uso da tecnologia, infelizmente foi se perdendo. Cada participante leu sua carta e muitos de forma emotiva. O encerramento foi lindo! Tivemos a oportunidade de escrita em forma de desabafo e autonomia, e ao final, todos os grupos se reuniram para encerrarmos o evento resumindo a fala principal de cada grupo.



Após o encerramento do evento, que foi realizado no período da manhã, os alunos foram convidados pelos professores Alexandre e Leandro para almoçarem

em um restaurante pago por eles. Nossa! Como achei essa atitude de grande sensibilidade e acredito que foi uma forma de agradecerem por nossa cooperação, isso me marcou muito, pois nunca havia acontecido algo do tipo em toda minha trajetória escolar ou acadêmica.

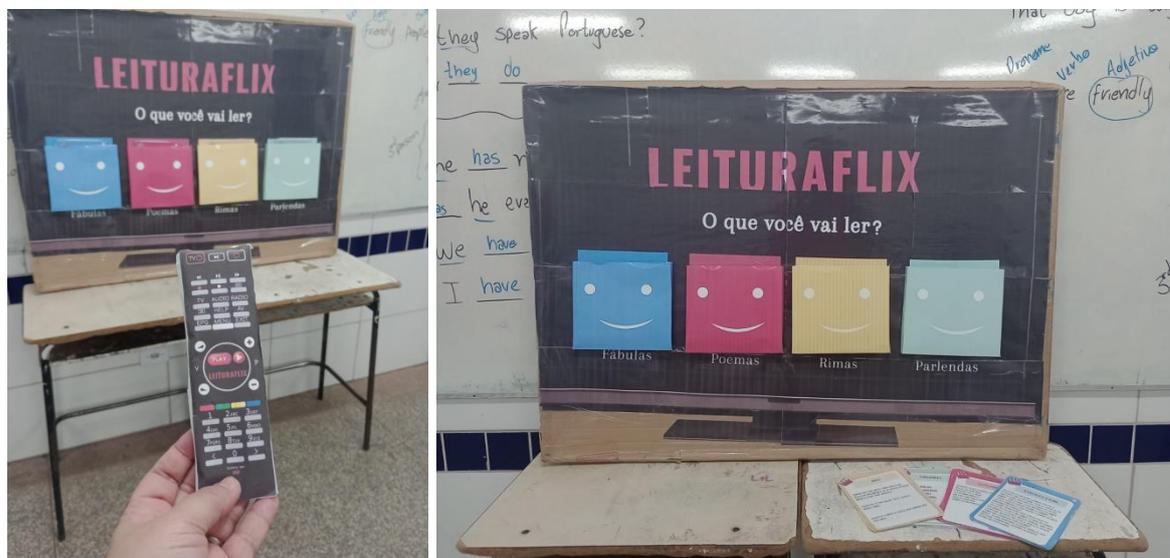


No primeiro semestre de 2024, tivemos a disciplina Educação Social e em Contextos Não Escolares, com a professora Márcia Sambugari, o que nos trouxe novos olhares a respeito do pedagogo em instituições sociais e como é sua atuação, proporcionando-nos novos saberes e que a Educação ultrapassa os muros da escola. No dia 27 de junho fui visitar o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) localizado em Ladário, para que os integrantes do meu grupo, que moram nessa cidade como eu, Rafaela, Adrielle e Núbia desenvolvêssemos um projeto social que englobasse a comunidade local. Apresentamos o nosso projeto com a temática dos esportes. Criaríamos um campeonato de futebol englobando pais e filhos.



No segundo semestre de 2024, os professores Alexandre e Marcia Sambugari uniram as matérias de EJA e Educação Social e em Contextos Não

Escolares. Iniciamos um projeto com a Educação de Jovens e adultos, realizando uma visita a escola com esse segmento. Em uma turma da primeira fase, realizei uma atividade que se chama “Leituraflix”, utilizando diferentes gêneros textuais como fábulas, poemas, parlendas e rimas. Foi uma experiência incrível poder compartilhar com os jovens e adultos, em fase de alfabetização, as diferenças entre os gêneros apresentados. Cada um escolheu quais gêneros gostariam de ser lidos.



Em 23 de outubro de 2024 apresentei o projeto de extensão desenvolvido na disciplina do primeiro semestre, Educação de Jovens e Adultos, no evento Integra, na Cidade Universitária da UFMS em Campo Grande, explicando a respeito do nosso projeto “Prosas na EJA: um diálogo aprendente na Educação de jovens e Adultos”. O objetivo do projeto era sairmos dos muros da Universidade e interligar à realidade da EJA, conhecendo um pouco da história de cada aluno e, após os diálogos, aplicarmos uma dinâmica a respeito de suas expectativas futuras.



Nos dias 30 e 31 de outubro, visitei o Moinho cultural com o movimento dos contextos não escolares. Observamos a atuação do pedagogo na instituição e o seu funcionamento. Eles oferecem dança e música. A visita ao moinho nos faz refletir a respeito da importância desses espaços na vida das crianças em contextos de vulnerabilidades e ociosidade.



Nos dias 21 e 22 de novembro de 2024, durante os turnos da tarde e noite, realizamos um Projeto de Extensão Encontro de Diálogos da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Social do Pantanal, onde recebemos convidados de diferentes segmentos comunitários e sociais nos explicando como é o trabalho de cada um. No primeiro dia, no período da tarde, realizamos um círculo de cultura com tema “A Educação social no Pantanal de Mato Grosso do Sul”. Os profissionais,

alguns sendo voluntários de projetos, trouxeram-nos diversos saberes de suas vivências com projetos voltados para crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade ou de ociosidade.

Os diálogos deste círculo de cultura foram maravilhosos, abrindo os nossos olhos a respeito da educação cultural, dos esportes, da dança, música, mostrando-nos quanto o ensino vai além dos muros de uma escola e como acrescenta na vida de uma criança. No período da tarde do dia 21 tivemos ainda a oportunidade de assistir ao filme Quanto vale ou é por quilo? Em suma, nos permitiu trazer reflexões a respeito do período de escravidão e o racismo estrutural enraizado em nossa sociedade contemporânea.

À noite recebemos os convidados da Educação de Jovens e Adultos. Recebemos, ainda, com muita alegria, Pedagogos, estudante da EJA e Biólogo para fazermos o círculo de cultura “A Educação de Jovens e Adultos no Pantanal de Mato Grosso do Sul” e discutirmos a respeito desta modalidade, do quanto é desafiador e o quanto precisamos desenvolver estratégias para diminuir a evasão nesse segmento.

No dia 22 de novembro, no período da tarde, realizamos um total de quatro oficinas, dentre as quais escolhi a oficina de dança. No início, eu e minhas amigas nos sentimos tímidas e com o corpo endurecido no período de aquecimento, realizando com alongamento. Logo após o professor Euler conversou conosco a respeito da dança e do seu trabalho no Dom Bosco com crianças vulneráveis, relatando que está tentando fazer apresentações com eles fora da cidade de Corumbá, mostrando para os seus alunos novas possibilidades de apresentações. Após os diálogos, ele nos apresentou o básico da dança contemporânea e começamos a fazer alguns passos. Esse momento foi sensacional! Incrível como a dança pode nos transportar para outra dimensão de calma e até mesmo te faz esquecer dos problemas.

No período da noite fomos para o auditório da Sala H 108 para o segundo momento do projeto neste dia e foi maravilhoso ouvir o músico tocando lindamente o seu cavaquinho. Após a sua apresentação iniciamos com o círculo de cultura “A Educação Popular nos enlaces da EJA e da Educação Social” e conversas a respeito de mudanças climáticas, agrotóxicos nos alimentos e a importância de assumirmos os lugares periféricos Corumbá com olhares mais atentos e não deixarmos ser esquecidos.



Enfim, concluo este memorial mensurando o quanto cursar Pedagogia me proporcionou conhecimento amplo a respeito da Educação, de como lidar com uma turma dos anos iniciais, da importância e do incentivo cultural fora dos muros escolares. Espero que eu seja como a professora Sônia, que teve um olhar afetivo por seus alunos e que eu possa acrescentar esperança na vida escolar destes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que o processo de aprendizagem se torna mais fácil quando a família e escola andam juntas e isso vai muito além de festas comemorativas e reuniões, mas como foi discutido durante a escrita do memorial nem sempre será possível, pois muitas famílias ainda não entendem o quanto isso contribui no desenvolvimento da criança ou adolescente. Mas, infelizmente alguns problemas familiares tornam o acompanhamento escolar como segundo plano, uma vez que muitos responsáveis não possuem condições e tempo para seus filhos, por motivos de dependência química ou por doenças, além de muitas outras questões, o que torna mais difícil essa relação.

Diante disso seria muito importante criar planejamentos pedagógicos e políticas desde a escola de alguma forma mais aprofundada para fortalecer esse vínculo escola-família, conhecendo o aluno na sua integridade.

Em suma é importante ressaltarmos o olhar afetivo e efetivo do professor em relação a sua turma refletindo a respeito da individualidade de cada criança, pois a dificuldade de aprendizagem nem sempre é preguiça, mas pode ser fruto de muitos outros fatores, como de acordo com o meu relato de conviver com uma mãe esquizofrênica e, no lugar de ser uma criança desfrutando de sua infância de

maneira mais saudável, fui determinada pela vida a tomar conta dela para não sair pela rua despida ou falando palavras desordenadas.

Pela observação dos aspectos analisados ressalto o como é importante à afetividade e a importância do olhar integral dos profissionais da Educação. O curso de Pedagogia me proporcionou essa sensibilidade de observar cada indivíduo como um todo, sendo uma ponte para transformação, inspiração e motivação.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARBOSA, Marlyson de Figueiredo. Homem não chora? Uma crítica-analítica do patriarcado nas danças de salão. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33559/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Marlyson%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%B3s%20Defesa.pdf>> Acesso em 19 de novembro de 2024.

DIAS, Daphne Arvellos. Entenda as dimensões dos maus-tratos contra crianças. 2021. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/noticias-e-destaques/2021/maio/entenda-as-dimensoes-dos-maus-tratos-contracrianças>> Acesso em 30 de setembro de 2024.

Hospital Israelita Albert Einstein. O que é a esquizofrenia? Doença mental tem tratamentos eficazes. 29 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://vidasaudavel.einstein.br/o-que-e-a-esquizofrenia-doença-mental-tem-tratamentos-eficazes/>> Acesso em 20 de novembro de 2024.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Editora Cortez, 1994.

NAZARÉ, Fernanda. Tabu “homem não chora” impacta na alta taxa de suicídio masculino. 16 de julho de 2021. Disponível em: <<https://blog.newtonpaiva.br/noticias/tabu-homem-nao-chora-impacta-na-alta-taxa-de-suicidio-masculino/>> Acesso em 20 de novembro de 2024.